

A MORTE PEDE PASSAGEM: DA CONSTRUÇÃO DOS RITUAIS EM BANABUIÚ – REGIÃO DO SERTÃO CENTRAL (1950-1980).

Antonio Simão Cavalcante.

sicavalcante2009@hotmail.com

RESUMO

A presente pesquisa apresenta como objetivo compreender as permanências e mudanças ocorridas nos rituais fúnebres, e como a morte está presente no imaginário popular no município de Banabuiú - Ceará entre as décadas de 1950 e 1980. Para tal se faz necessário conhecer como os rituais ocorriam na percepção daqueles que o praticavam; diferenciar a elaboração dos rituais fúnebres ao longo das três décadas; e observar a construção/desconstrução do imaginário popular acerca da morte. O trabalho foi desenvolvido sob a perspectiva da história sociocultural e procura interagir com ciências afins, como a Antropologia e a Sociologia. As fontes orais são utilizadas enquanto método principal, observando na oralidade a construção da memória e do imaginário popular. A pesquisa está dividida de acordo com a própria sequência de construção dos rituais: cuidados com o moribundo até sua morte, cuidado com o corpo morto, velório, cortejo fúnebre, sepultamento e luto. A pesquisa busca entender e ao mesmo tempo, refletir a morte através do imaginário popular. Como os depoentes, principais colaboradores deste trabalho, constroem esses rituais, como veem a morte, e principalmente como elaboraram seus rituais fúnebres ao longo destes trinta anos. A principal fonte de compreensão, análise e elaboração da pesquisa foi o entendimento da memória, tendo como fonte essencial o depoimento de pessoas que vivenciaram experiências ligadas ao fenômeno da morte e, que permitiram expor sua subjetividade através de uma investigação metodológica. Fontes secundárias – iconográficas e escritas – também foram utilizadas como suporte para tal investigação, além de outros trabalhos acadêmicos e literários, que deram suporte teórico, na busca desse fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Morte, Rituais de Passagem, Imaginário.

ABSTRACT

This research presents like objective at understanding the continuities and changes in funeral rituals and how death is present in the popular imagination in the municipality of Banabuiú – Ceará between the 1950s and 1980s. For such, it is necessary to know how the rituals happen in the perception of those who practiced; differentiate the preparation of funeral rites over the three decades; and observe the construction / deconstruction of the popular imagination about death. The study was conducted from the perspective of socio-cultural history and demand interact with related sciences like Anthropology and Sociology. Oral sources are used as the main method observing in orality the construction of memory and the popular imagination. The research is divided according to the proper sequence of construction of rituals: care of the dying until his death, care of the dead body, funeral, funeral procession, burial and mourning. The research aims at understanding and at the same time, reflect death by popular imagination. As deponents, main contributors to this work, construct these rituals, see death, and especially as made their funeral rites over these thirty years. The main source of understanding, analysis and preparation of the research was the understanding of memory, having as an essential source the testimony of people who lived through experiences related to

death phenomenon and, which allowed to expose their subjectivity through a methodological research. Secondary sources - iconographic and written - they were also used as support for such research, and other academic and literary works, which gave theoretical support in the search of this phenomenon.

KEYWORDS: Memory, Death, Rites of Passage, Imaginarium.

INTRODUÇÃO – PESQUISANDO NO REPOUSO ETERNO

Mais uma vez¹ debruço-me sobre a temática da morte e o seu frio manto de análise e estudos, numa busca reflexiva acerca da construção do imaginário popular a partir da análise dos rituais de passagens fúnebres na região do Banabuiú, entre as décadas de 1950 a 1980 do século passado. Tentando perceber as mudanças e permanências no *culto aos mortos* ao longo dessas três décadas.

História contada por anônimos da região ‘ribeirinha’ do Banabuiú, e cinco outros povoados que, posteriormente, formaram o município com o mesmo nome do rio: "Banabuiú", região localizada no sertão central cearense.

A escolha do culto aos mortos como objeto de pesquisa monográfica se deu por uma paixão moribunda que guardo comigo desde a primeira escrita acadêmica, na conclusão do ensino superior de História, pela FECLESC – UECE, em 2004. E principalmente pela oportunidade de dar continuidade e suporte teórico metodológico a pesquisa iniciada em 2002 e jamais adormecida.

A pesquisa busca abrir caminho pelo mundo dos vivos, para que estes possam explicar o ‘misterioso trajeto de ir ao além e de lá nunca mais voltar’. Analisando os rituais fúnebres, como a morte está presente no imaginário popular e as transformações do culto ao longo dos anos.

O título do trabalho “A morte pede passagem: da construção dos rituais em Banabuiú – região do sertão central (1950-1980).” é, portanto, uma empreitada rumo a uma experiência que a humanidade experimenta desde sua origem, mas que, de algumas décadas para cá vem se distanciando, à medida que vai se transformando e adotando novos sentidos no mundo contemporâneo.

¹ Este artigo apresenta-se como um dos produtos da pesquisa iniciada em 2002 pelo pesquisador, que na ocasião era aluno do curso de graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC da Universidade Estadual do Ceará – UECE, resultando na monografia de conclusão do referido curso, na monografia de conclusão do curso de especialização em História pela Faculdade Kurius – FAK e do Grupo de Estudos de Arquitetura Mortuária na América Latina da Faculdade Católica Rainha do Sertão – FCRS.

Para José Luis de Sousa Maranhão, a morte vem passando por ‘metamorfoses’ de maneira cada vez mais acelerada. Em uma análise sobre a morte, intitulada “O que é Morte” Maranhão (1998, p. 19) nos diz que:

[...] a morte já não é mais um destino. O que existe é a sua relação negativa com o sistema de produção, de troca e de consumo de mercadorias. É o estado de não-produção, de não-consumação. Ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a coisificação do homem.

Disfarçada por vários motivos, a morte toma outro rumo, enterrou seus antigos rituais no passado e vem ficando cada vez menos evidente, ocultando o morrer, fugindo e se distanciando da única certeza da vida. Não se morre mais como antigamente, até mesmo a morte, vem tentando adaptar-se às exigências do mundo moderno.

Tal temática nos oferece um leque de oportunidades para pesquisa da memória, o conhecimento do cotidiano, os aspectos relevantes ao imaginário popular e a construção da morte na vivência social. A análise nos conduz a uma reflexão sobre a vida, nesse sentido, vida e morte estão intimamente ligados, a morte pode ser uma passagem - como tantas outras que ocorrem ao longo da vida - pode ser também a continuidade de um processo que busca a outra existência, ou ainda, o fim de tudo.

Se tomarmos novamente Maranhão (1998, p. 63) como análise, podemos perceber que “... a reflexão sobre a morte é uma reflexão sobre a vida. Não é possível analisar o sentido da vida sem se deparar com o problema do sentido da morte e vice-versa. Ambas análises conduzem ao mesmo resultado.”

Os rituais de morte não cumprem apenas uma função religiosa, mas sobretudo cultural e social, pensadas e elaboradas pelos vivos e principalmente para os vivos e fundamentais no mundo deles. Sobre essas funções Florenzano (1996, p. 80) nos lembra de que na Grécia antiga, o culto aos mortos, “... tinha o sentido de reparar um sentimento de perda comum diante da morte”. Nesse sentido, o culto cumpre a função de conformidade e consolação do sentimento de perda.

Os rituais fúnebres ou cultos funerários divergem entre as sociedades, tomando sentidos diferentes no tempo e no espaço, neste sentido, podemos considerar sua representação social, caracterizada por aspectos tais como: a despedida do morto, o encontro entre familiares nos velórios, o cortejo fúnebre, o sepultamento e o luto.

Os cultos aos mortos servem para conduzir o morto, desse para o ‘outro mundo’, cumpri um ritual que deve facilitar a passagem, não só para aquele que morre, mas também para os

que continuam vivendo, fazendo assim, os vivos tornam a perda mais aceitável. Ainda tomando Florenzano (1996, p. 64) como exemplo, ela nos explicita:

[...] os rituais funerários revelam a atitude da sociedade diante desse fenômeno, revelam as crenças que os diferentes grupos humanos constroem a respeito do 'depois da morte'; revelam, em última análise, a atitude de determinado grupo diante da vida.

Os rituais funerários podem ser divididos de acordo com a trajetória percorrida pelo morto, logo após o último suspiro. Em geral, essas fases características dos cultos fúnebres são: em primeiro lugar, a separação do indivíduo do grupo que pertencia, uma separação causada pela morte; em seguida, a transição do indivíduo para o 'outro mundo' – o além, ocorrendo quando o morto é velado e conduzido, portanto transportado para o cemitério; e, por fim, a incorporação definitiva do indivíduo no mundo subterrâneo - no mundo dos mortos.

De acordo com a trajetória pela qual o culto era encenado, podemos estabelecer uma relação entre a sociologia - já que os cultos de passagem dramatizam as crenças que cada cultura traz consigo, através de práticas socialmente simbolizadas - e a antropologia cultural, quando César (1972, p 49) afirma que "... entre quase todos os povos o complexo cultural relativo aos ritos funerários e aos sepultamentos dos mortos se torna uma resposta consoladora e confortante ao implacável desafio da morte."

Concordo com César e Florenzano, quando ambos afirmam que os rituais e cultos de passagem fúnebres cumprem a função de conformidade no mundo dos vivos. O famoso historiador francês Philippe Áries, em um de seus trabalhos sobre as atitudes do homem ocidental diante da morte, também analisa a função do culto, dando outra conotação, diferente daquelas já comentadas, ele nos descreve que:

Apesar de sua familiaridade com a morte, os antigos temiam a proximidade dos mortos e os mantinham a distância. Honravam as sepulturas - nossos conhecimentos das antigas civilizações pré-cristãs provêm em grande parte da arqueologia funerária, dos objetos encontrados nas Tumbas. Mas um dos objetivos dos cultos funerários era impedir que os defuntos voltassem para perturbar os vivos. (ARIÈS, 2003, p. 36).

Numa sociedade tecnologicamente desenvolvida, a morte passou a ser vista como uma contradição, uma espécie de intrusa em nosso meio, algo repugnante, do qual ninguém quer ouvir falar. Ela representa uma perda irreparável, trazendo quase sempre um sentimento de angústia, solidão e desespero. Ela representa uma perda em muitos sentidos, afinal quem morre perde a vida, quem fica perde o parente, o amigo, enfim alguém importante que

ocupava um lugar específico no meio social. O que tem levado os homens a ocultá-la, deixando-a de lado. Uma sociedade como a atual, dominada pelo individualismo, não pode acolher a morte como algo natural - como o nascer e o viver. No entanto, não se pode deixá-la no esquecimento, o encontro é inevitável. Aquele que por mais que tenhamos tentado buscar explicações, nunca concretizamos uma verdade nas respostas para as perguntas que fazemos constantemente. As várias explicações sobre o outro lado, torna a morte ainda mais enigmática.

A pesquisa objetiva compreender as permanências e mudanças ocorridas nos rituais fúnebres, e como a morte está presente no imaginário popular no município de Banabuiú - Ceará entre as décadas de 1950 e 1980. Para tal se faz necessário conhecer como os rituais ocorriam na percepção daqueles que o praticavam; diferenciar a elaboração dos rituais fúnebres ao longo das três décadas e; observar a construção/desconstrução do imaginário popular acerca da morte. Como os depoentes, principais colaboradores deste trabalho, constroem esses rituais, como vêem a morte, e principalmente como elaboraram seus rituais fúnebres ao longo destes trinta anos. O que percebem enquanto mudança e, como apreendem as mudanças estabelecidas no ritual na contemporaneidade. Que críticas fazem à maneira que elaboramos os novos rituais, ou ainda, as mudanças no modo de lidar com a morte.

A principal fonte de compreensão, análise e elaboração do trabalho foi através da pesquisa da memória, tendo como fonte essencial o depoimento de pessoas que vivenciaram experiências ligadas ao fenômeno da morte e, que permitiram expor sua subjetividade através de uma investigação metodológica. São depoentes que viveram na região onde se desenvolveu a pesquisa e, que permitiram tal análise.

Fontes secundárias – iconográficas e escritas – também foram utilizadas como suporte para tal investigação, além de outros trabalhos acadêmicos e literários, que deram suporte teórico, na busca desse fenômeno.

DISCUSSÃO SOBRE OS RITUAIS FUNERÁRIOS E ESTRUTURAS FÚNEBRES

Havia alguns dias que não se levantava mais sozinho da cama, não conseguia mais executar suas tarefas diárias, nem mesmo comandar os serviços rotineiros que realizava diariamente. Moribundo e entristecido, agonizava no leito familiar os últimos dias que lhe restava. A família assistia tudo silenciosa, respeitosa diante daquela mudança. O tempo havia se passado, e o chefe patronal já não era mais o mesmo, a vida parecia querer ir embora, a

morte se aproximava. Durante as noites, o sono lhe fugia, apenas cochilos alternados de gemidos acompanhavam a escuridão. A família, os parentes e alguns vizinhos faziam sentinelas, esperando que sua hora chegasse o mais tranquilamente possível. Orações e histórias sobre tempos remotos de sua vida eram lembrados pelos assistentes. Um clima de nostalgia e angústia denunciava a chegada da morte. Quando seu fôlego se cansava estava na ânsia do fim, alguém presente, geralmente da família segurava uma vela acesa na mão do moribundo e encomendava sua alma para a eternidade. A morte estava presente. O silêncio era quebrado pelo pranto dos familiares e amigos, chorava-se a morte, honrava-se a vida. Passado o tempo da morte iniciava o ritual em torno dela. Dava-se início ao culto fúnebre, ao ritual de passagem da vida para a morte. Do ser para o não-ser.

O ritual consistia inicialmente, no cuidado com o corpo morto, seguido do velório e do cortejo fúnebre e, por fim o sepultamento e o luto.

Assim morreu-se durante muito tempo. Na segunda metade do século XX, ainda podemos encontrar relatos desse tipo de morte, que com o passar das décadas foi se transformando paulatinamente e deixando para trás antigas práticas afim de esquecer a morte e sepultar sua existência.

A construção do ritual funerário busca exprimir esse sentido da vida, busca representar socialmente a maneira como a sociedade percebe a morte e o morrer. Se os rituais tem apresentado mais mudanças que permanências é porque a morte vêm acompanhando também as mudanças sociais.

Infelizmente nessas mudanças a morte ficou um tanto quanto esquecida, principalmente se levarmos em consideração a realização dos rituais fúnebres de hoje.

Essa relação entre morte e vida, fez com que os homens criassem cultos de passagem fúnebres, para que esses pudessem cumprir funções fundamentais no mundo dos vivos.

Quanto a essas perdas, nos questionamos até que ponto o homem moderno está preparado para conviver com elas. Que comportamentos criou e ainda cria diante de sua individualidade. A ocultação da morte é a fuga desse individualismo e a afirmação de sua coisificação enquanto membro coletivo.

Disfarçada por vários motivos, a morte toma outro rumo, enterrou seus antigos rituais no passado e ficou cada vez menos evidente, buscando agora uma nova maneira de morrer. Não se morre mais como antigamente, até mesmo a morte, vem tentando adaptar-se às exigências do mundo moderno.

Os rituais fúnebres ou cultos funerários divergem entre as sociedades, tomando sentidos diferentes no tempo e no espaço, neste sentido, podemos considerar sua

representação social, caracterizada por aspectos tais como: a despedida do morto, o encontro entre familiares nos velórios, o cortejo fúnebre, o sepultamento e o luto.

Os cultos aos mortos servem para conduzir o morto, desse para o 'outro mundo', são cultos que facilitam a passagem, não só para aquele que morre, mas também para os que continuam vivendo, fazendo assim, os vivos tornam a perda mais aceitável.

Morria-se em casa, junto aos familiares, agregados e amigos. Dificilmente encontramos nos relatos casos de mortes em hospitais no decorrer do período pesquisado.

Quem acompanhava a morte era sempre os familiares ou alguém chamado especificamente para cuidar do doente e depois da realização do culto fúnebre. Podemos encontrar casos de mortes onde o médico ou o padre participam no ato da morte. Mas é rara a morte em lugares longe do sei familiar.

Quando adoecia alguém e era enviado aos hospitais. O médico liberava o paciente para que esse pudesse morrer em casa. Como se diz popularmente: estava desenganado dos médicos.

Hoje, ao contrário, raras vezes se ouve dizer de alguém morrer em casa. Ariès (2003, p. 293) analisa este fato afirmando:

A morte recuou e deixou a casa pelo hospital; está ausente do mundo familiar de cada dia. O homem de hoje, por não vê-la com muita frequência e muito de perto, a esqueceu; ela se tornou selvagem e, apesar do aparato científico que a reveste, perturba mais o hospital, lugar da razão e técnica, que o quarto da casa, lugar dos hábitos da vida quotidiana.

Depois da morte dar-se início ao culto fúnebre. Alguém da família do morto ou da comunidade se encarrega de dar os últimos cuidados para com o corpo morto.

Lava-se delicadamente o corpo, apara-se as unhas e cabelos, enxuga-o e perfuma cuidadosamente. Em seguida vesti-lhe a mortalha – quer fora confeccionada por alguém encarregado daquela função, põe-se o terço ou rosário nas mãos que estão postas sobre o peito. Em geral envolve-se a cabeça do morto, principalmente das mulheres. O corpo está preparado para o velório.

Alguém da comunidade realizava o trabalho de cuidar dos mortos, que poderia ser também feito por alguém da família. Sobre esse cuidado Dona Maria² nos relata sua primeira experiência ligada aos cuidados com os mortos:

² Maria das Dores Silva. Entrevista realizada em 14 de janeiro de 2003.

[...] A primeira pessoa que eu cuidei assim de preparar, foi uma amiga nossa que morreu. Eu já era mocinha. Aí o meu irmão foi (chamado) ajudar. Pedia pra quem... pedia tanto a Deus, ter coragem. Aí meu irmão foi arrumar ela, preparou ela até de Nossa Senhora da Graça, ficou tão linda. Ela tinha um cabelim, fez duas transinhas assim (mexendo as mãos) eu achei tão bonito. Aí o que é que eu disse? Vou ter coragem pra fazer essas coisas também. Aí depois disso, eu, eu perdi o medo. Tanto eu preparava mulher, como homem. Lá onde tivesse morrendo podia me chamar, que eu ia bem ligeirinho, arrumar aquela pessoa, que morreu, pra ficar bonito. Só gostava de tudo bonito.

Antes desse é comum que familiares fiquem a sós com o falecido, será um momento de despedida mais íntima.

Durante o velório as portas e janelas da casa eram fechadas – exceto a porta principal, que muitas vezes servia de lugar para colocar o corpo morto, que seria amparado por quatro tamboretas. Muitas vezes o corpo também poderia ser posto encima de uma mesa ou ainda da cama.

Os caixões ou urnas – denominação mais atual, raramente eram utilizados até início da década de 1980, do século passado, naquela região.

As velas eram acesas – tinham a função de iluminar o novo caminho a ser percorrido pelo falecido no outro mundo. Muitas flores naturais, colhidas aos arredores da casa ou no caminho onde passavam os visitantes, eram colocadas sobre o corpo. Embelezava-se o corpo, suavizava-se a morte. Um prato contendo sal, ou água era colocado no chão abaixo do corpo. Existem diferentes explicações para tal ação. O sal poderia servir para tentar fazer com que o corpo não apodrecesse tão rapidamente, uma vez que o velório durava em torno de 18 a 20 horas, dependendo do trajeto a ser percorrido durante o cortejo. Já a água deveria purificar o corpo morto durante a despedida.

O velório acontecia na sala de visitas, a sala principal da casa, também conhecida como sala de entrada. Uma vez que o morto precisava receber suas últimas visitas. Lá se dava o encontro social entre familiares, vizinhos e amigos do morto, que vinham de longe e das proximidades para a despedida.

O Sr. Francisco³ conhecido como Moço Mauro, participante do culto fúnebre, com uma linguagem simples, nos descreve como se fazia o velório:

[...] Butava dois tamboretas, três, na tauba né? Numa porta né? Tinha duas bandas de porta, as vezes era duas bandas, seno uma porta interrisa, era só uma porta inteira né? Butava as velas a noite todinha, as velas se acabano e butano. Tinha muitas flor também, era difícil um caixão pra num ter. rezava aquele terço, dois, três terços, rezavam. Eu sei que hoje, era uma diferença medonha de hoje né?

³ Francisco Mauro Lemos. Entrevista realizada em 17 de abril de 2004.

Todos participavam do velório, sem dúvida era o momento de maior sociabilidade no culto fúnebre. O famoso historiador francês Philippe Ariès, nos conta que:

Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças – não há representação de um quarto de moribundo até o século XVIII sem algumas crianças. E quando se pensa nos cuidados tomados hoje em dia para afastar as crianças das coisas da morte! (2003, p. 34-35).

Até o início da década de 1980, podemos perceber as crianças participando dos velórios, ela não era afastada das coisas da morte, como acontece na atualidade.

Outra diferença dos velórios atuais é que, quando se dão na casa do morto, sempre há um grande período de espera do corpo, aliás do caixão, como fala-se comumente. O fato de morrer em casa evitava-se tal espera.

Servia-se durante o velório café, chá e até refeições, feitas por outros na casa, uma vez que a família estava muito abalada para tal. Poucos comiam na ocasião. Era muito comum servir cachaça, muitos se embriagavam durante o culto. Fazia aumentar a comoção.

Quanto a comoção, costumava-se pesar os mortos, os pêsames eram oferecidos aos familiares, que recebiam desconsolados. As emoções eram expostas, chorava-se, gritava-se, desmaiavam-se pelos mortos. Quanto mais pudessem demonstrar os sentimentos, mais amor demonstravam ter pelo defunto.

Durante o velório fazia-se a vigília do corpo e as orações, cânticos ou incências⁴ eram compartilhados pelos presentes. O terço era a oração mais comum, pedindo que levasse a alma do morto para o céu, alterando a estrutura da oração.

O cortejo dependia sempre da distância da casa do morto para o cemitério. Uma rede branca (alva) era reservada, muitas casas ou comunidades havia uma rede branca especialmente preparada para os cortejos fúnebres. A rede será colocada em uma vara de madeira resistente, ficando as extremidades livres para o apoio daqueles que a levará até o *cemitério*. Ou ainda, a rede será apoiada em duas varas de madeira, ficando assim quatro extremidades, que levará o morto até a última morada, juntamente com aqueles que vão revezando de quando em vez ao longo do caminho.

A distância percorrida pelo cortejo varia de acordo com as localizações dos cemitérios, há cortejos mais rápidos porque o velório pode ocorrer no mesmo lugar onde há cemitério. É também comum para a época alguns cortejos que tenha percorrido três ou quatro léguas para *sepultar* seus mortos. O cortejo sai sempre de acordo com a distância do velório até o

⁴ Eram músicas cantadas na ocasião dos velórios e sepultamentos.

cemitério. Se o trajeto leva duas horas, eles saem com o corpo vinte duas horas depois do passamento.

Dona Margarida⁵ nos relata:

[...] Aí quando num era em caixão, esse pessoal que não podia ir em caixão... que num podia ir, ia na sua redinha né? Uma redinha de cor né? Era muito difícil uma rede branca. Só quem possuía uma rede branca por aqui, era a mãe da Maria do Cumpade Manel do Cicero né? Era quem possuía, aquele rede ia pra muitos difuntos, tinha aquela rede a propósito né?

Na maioria das vezes, a cova era cavada por alguém da família do morto. Quando não, a família providencia o dinheiro necessário para pagar o *coveiro*. Quando não havia um túmulo ou jazigo familiar, teria também que comprar um terreno no cemitério para sepultar seu morto. Ao chegar ao povoado, onde se localiza a *necrópole*, o falecido é conduzido à Igreja ou Capela, lá fica novamente exposto por alguns minutos.

Alguém, encarregado de cavar o túmulo já havia executado esse trabalho. Este poderia ser da família ou do convívio familiar. Em alguns cemitérios, o *coveiro* ou zelador – termo mais usado atualmente, era quem realizava tal tarefa.

De todos os momentos do ritual, esse trazia consigo maior comoção. Sepultar simbolizava o fim do contato entre o que partira e os que ficaram, e é para estes últimos, a visão final da despedida. Nesse ato de despedida, a angústia e a dor era demonstrada através de prantos e desesperos. Desmaios e clamores eram freqüentes. Não disfarçava-se a dor, a perda, enfim, a separação.

Enterrar os mortos faz parte de um imaginário onde se devolve à terra o que dela veio – não pode nascer aquilo que não foi plantado. Embora tal nascimento não seja no mundo dos vivos, mas sim em outras existências. Para os que ficam, celebrar a morte assume papel fundamental. Uma vez que, ao realizar os rituais inerentes à morte, os indivíduos definem suas crenças acerca da vida, portanto, tais atitudes confirmam a maneira de conceber a morte, não como um fim, mas enquanto passagem, uma transferência a um mundo que não se conhece, mas que se concebe e que se respeita e teme.

Passado os rituais ligados ao morto, inicia-se o luto. Este é a última parte do culto fúnebre. E sua duração pode ser até a morte do enlutado. Embora existam várias formas de representar o luto.

As representações do luto podem ir desde uma simples faixa de tecido preto fixado no bolso da camisa do homem, quanto a toda vestimenta. Comumente vão de seis meses a um

⁵ Margarida Pimenta Nobre. Entrevista realizada em 17 de abril de 2004.

ano, ou ainda a cada determinado dia de cada mês. A data para o luto permanente pode ser a mesma da morte ou ainda um dia de devoção escolhido pelo enlutado. As viúvas, quase sempre, após o ano em que veste o preto, continuam o luto em determinado dia de cada mês por toda sua vida.

Quanto as designações e as necessidades do luto, Ariès em análise ao fenômeno da morte no ocidente, descreve:

O “luto” foi, entretanto, até nossos dias, a dor por excelência cuja manifestação era legítima e necessária. As designações arcaicas da palavra dor (douleur, dol ou doel) permaneceram na língua, mas com o sentido restrito que reconhecemos a palavra luto (deuil – em francês). Muito antes de ter recebido um nome, a dor diante da morte de alguém próximo já era a expressão mais violenta dos sentimentos mais espontâneos (2003, p. 245).

O luto representa a mais perfeita expressão da dor, dar continuidade ao luto é demonstrar socialmente a importância do ente perdido, e principalmente denunciara dor que ainda se sente em relação a essa perda, é em última análise uma prova de respeito para com o morto em especial, para com a morte.

A morte é o cessar da vida. Para alguns significa o fim de tudo – para além da morte nada existe – para outros apenas uma passagem, portanto uma porta para outra existência, diferente dessa por nós conhecida.

Os rituais que celebram o fenômeno da morte, se define pela a construção dessa passagem no imaginário social. Simboliza, portanto as crenças a cerca da outra existência, daquilo que imaginamos existir após a passagem. Embora os rituais mudem com a sociedade. Eles representam a maneira que nós concebemos a vida. Enquanto valorizarmos a vida, respeitaremos a morte. Velando nossos mortos confirmamos crenças. Mudando os rituais damos ressignificações a vida. E enquanto houver vida haverá morte.

As mudanças ocorridas na atualidade nos mostra que a ocultação da morte é a reação da sociedade perante os mortos, não cumprir mais os rituais como antes, explica a nova visão social diante do morto. O ritual realizado como antigamente já não convence mais aos vivos, não cumpre mais as tarefas antes cumpridas. Enfim, sepultar a morte é ocultá-la e negar sua existência é acreditar que somos imortais, é demonstrar que por mais racionais que sejamos, na verdade nos sentimos não-mortais.

CONSIDERAÇÕES AOS VIVOS

O trabalho penetra na obscuridade da vida, para tentar entender a morte e perceber como ela é concebida no imaginário popular, juntamente com os mistérios que a circundam. São sintomáticas as mudanças ocorridas ao longo desses trinta anos - (1950-1980) - na realização dos rituais fúnebres. E quando comparamos as práticas funerárias daquele período, com as de hoje, percebemos o quanto tais mudanças são apreendidas.

O ritual funerário vem passando por grandes transformações, tentando aos poucos se adaptar no mundo moderno. Nas grandes cidades, já não se velam mais seus mortos em casa, há lugares específicos para eles, os cemitérios são cada vez mais diferentes, muitos parecem jardins ou parques recreativos, os sepultamentos, pouco a pouco, estão sendo substituídos pela cremação, uma maneira moderna e dita "higiênica" de se livrar dos restos mortais.

Através dos depoimentos, percebemos a maneira nostálgica que os entrevistados falavam sobre o passado, a tristeza e a saudade de falar daqueles que partiram, a crítica a sociedade moderna, que segundo eles, perdeu o respeito pelos mortos.

Concluiu-se que há grande resistência dos mais velhos em relação, aos novos modos de se tratar a morte. Assim, algumas famílias não permitem a morte de seus familiares em hospitais, embora seja um número irrisório, muitos dos entrevistados, - quase todos -, pedem para morrer junto aos seus remanescentes, como acontecia no passado, outros ainda, pedem para serem sepultados na terra, apenas enrolados em lençol, exigindo - ainda em vida, que não sejam sepultados em caixão, muitos não fazem planos de assistência funerária, acreditando está convidando a morte para si, outros ainda condenam a cremação, pois acreditam que devemos nos incorporar a terra, já que dela saímos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente: Da Idade média aos nossos dias.** Tradução: Priscila Viana de Siqueira - Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CÉSAR, José Vicente. **Enterros, em urnas, dos Tupi-Guaranis.** In Homem, cultura e sociedade no Brasil; seleções da Revista de Antropologia. (org.) Egon Schaden. Petrópolis, Vozes, 1972.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. **Nascer, viver e morrer na Grécia antiga./** Coordenação: Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato - São Paulo. Atual, 1996.

MARANHÃO, José Luiz de Sousa. **O que é morte.** São Paulo, Brasiliense, 1998.